

O Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

CRIAR UMA FORTE ORGANIZAÇÃO MILITAR É UMA DAS TAREFAS MAIS URGENTES DO PARTIDO!

Não constitui novidade dizer-se que é muitíssimo deficiente a organização do Partido entre as forças armadas. Este problema foi analisado no VI Congresso e sobre ele tiradas algumas conclusões. Estas podem, para já, resumir-se assim: que, apesar da política de preversão, da espionagem política, das constantes depurações nos comandos, duma rígida disciplina, duma feroz repressão e dum balôfo patriotismo conduzidos nas unidades militares, nunca as perspectivas de criar e desenvolver uma forte organização partidária e de unidade foram mais favoráveis que hoje. Evidentemente que estas conclusões não nasceram de conjecturas abstractas, mas da análise concreta da situação tal como ela se apresenta.

organizar os soldados contra a guerra colonial

Os governantes fascistas e seus ideólogos, género Adriano Moreira, enganaram-se nas suas profecias quando previam que as guerras coloniais viriam a ser uma fonte de renovação dos seus quadros. Eles pensavam e várias vezes o disseram que a salvação do regime viria a assentar nos jovens que iriam ser formados na guerra, ou seja, nos crimes e imoralidades praticados contra populações indefesas. Era portanto na preversão, que o fascismo fundava as suas esperanças de salvação. Como era de prever as esperanças fascistas não se concretizaram. A nossa juventude, excluindo umas tantas excepções, não se deixou arrastar pelas campanhas de ódio e falso patriotismo, vendo cada vez com mais nitidez que os inimigos da Pátria, não estão nos patriotas africanos das colónias portuguesas que lutam pela sua independência e contra a escravidão colonial, mas que eles estão sim, acantonados nos postos da governação ou à frente dos grandes monopólios e das explorações coloniais de onde sugam super-lucros a que não querem renunciar.

Ainda que as guerras coloniais não tenham atingido o máximo da sua dureza e desenvolvimento

elas provocam cada vez mais forte desgaste nas fileiras fascistas e também entre os militares. As deserções colectivas e individuais tanto entre soldados como sargentos e oficiais têm aumentado, como o atestam a recente deserção de cerca de 3 dezenas de soldados e sargentos dum quartel da Guarda. Só no mês de Outubro p. p., por circulares confidenciais enviadas às forças repressivas, sabe-se que desertaram 96 soldados, oficiais e sargentos, mais recentemente desertaram cerca de 30 estudantes que estavam para ser incorporados. Em Lisboa estão presos cerca de 400 militares por se recusarem a participar na guerra. No Porto encontram-se presos cerca de 200 pelas mesmas razões. Noutras prisões militares do continente e das colónias há muitos outros militares presos pelo mesmo motivo.

Nas próprias forças repressivas os efeitos da guerra colonial vão-se fazendo sentir, são já inúmeras as deserções e pedidos de demissão, tanto na GNR, como PSP e GF.

À hostilidade crescente à guerra colonial, junta-se a hostilidade dos soldados, marinheiros, sargentos e oficiais não fascistas ao ambiente criado

dentro das unidades militares, onde os comandos fascistas a par duma disciplina duríssima, têm instalado um ambiente de suspeição e delação, destruindo tudo o que é sã camaradagem entre militares. Ao mesmo tempo exerce-se uma enorme pressão através duma propaganda enganosa e demagógica que desagrada à maioria dos militares. Em vez do amor à Pátria, à liberdade, à independência e à paz, instala-se o venenoso fascismo, da opressão e da guerra, em vez de se cultivarem os mais puros sentimentos humanos, o respeito pelo semelhante, realçam-se os mais baixos instintos através duma propaganda que tem por base o modo

de vida americano, ou seja, o crime, a imoralidade, o racismo, etc. Mas se a guerra das colónias não proporcionou ao governo a tão decantada renovação de quadros, também a sua política de prevariação não tem conseguido corromper a juventude que, por meio das mais variadas lutas e acções tem manifestado o seu ódio ao fascismo e o seu amor à liberdade, à democracia e à paz.

Todos estes factos confirmam plenamente a justiça da conclusão do VI Congresso quando diz: que apesar das muitas dificuldades nunca as perspectivas de criar uma forte organização nas forças armadas foram mais favoráveis que hoje.

vencer a subestimação — outra tarefa urgente!

A feroz repressão que tem caído em cima do Partido, as imensas dificuldades criadas à actividade política nas unidades militares, as transferências constantes e a mobilização para as colónias, dificultam, sem dúvida, muito seriamente o trabalho do Partido entre as forças armadas. Mas, é sobretudo na subestimação existente no Partido, quanto à importância do trabalho militar que devem ser encontradas as causas fundamentais das nossas debilidades orgânicas. Esta é outra conclusão do VI Congresso.

A prova que a subestimação existe temo-la a cada passo. São ainda frequentes os casos em que se constata terem ido assentar praça jovens militantes e simpatizantes do Partido sem que se tenha procedido à sua credenciação. São também frequentes os casos de camaradas que devido às constantes transferências perdem a ligação com os controleiros e organismos superiores e se deixam ficar desligados e quantas vezes inactivos, esquecendo que os comunistas têm o dever sagrado de actuarem, de se ligarem às massas, encaminhá-las e acompanhá-las nas suas lutas onde quer

que se encontrem, independentemente de terem ou não ligação.

Não constitui fenómeno raro, em especial nos grandes centros populacionais haver camaradas legais e até mesmo ilegais, que passam diária ou quase diariamente à beira dum quartel, sem lhe ocorrer que lá dentro estão por vezes largas centenas de jovens trabalhadores que além de filhos da classe operária e do povo, vivem num estado permanente de descontentamento e revolta devido às injustiças e vexames a que estão permanentemente sujeitos, à perspectiva de serem enviados para as colónias, etc. Lamentavelmente perde-se quantas vezes tempo precioso atrás duma débil ligação do Partido que bem melhor seria se fosse despendido em tentativas para levar a organização do Partido até dentro dum quartel ou outra unidade militar.

Tudo isto são factos a confirmar que para criar uma forte organização nas forças armadas é urgente e indispensável vencer a subestimação existente no Partido quanto à importância desta tarefa.

o problema das deserções

Por estar insuficientemente esclarecido tem-se prestado a mal entendidos o problema das deserções. É sabido que o Partido não só se não opõe, mas que preconiza e aplaude a deserção de soldados, sargentos e oficiais que não querem participar nas criminosas guerras coloniais. Aos militantes do Partido cabe mesmo a honra de serem os principais organizadores e orientadores da imensa maioria das deserções dos quartéis e exércitos colonialistas de Salazar. A organização de deserções colectivas e outras acções e lutas contra a guerra colonial devem portanto continuar e intensificar-se tanto quanto possível. Porém, o Partido, no que se refere aos seus militantes, não pode apoiar a deserção quando ela se faça isoladamente pois isso, quando não tem em vista servir os interesses do Partido significa privar dezenas, senão centenas de jovens da ajuda do Parti-

do, da possibilidade de serem esclarecidos quanto à falsidade, à demagogia e à política de traição nacional conduzida pelo governo fascista e a reacção. Na luta contra a guerra colonial, os comunistas têm de ir tão longe quanto possível, inclusive até às frentes de batalha, sempre com o objectivo de esclarecer os outros soldados que não devem combater, que não devem arriscar a vida para defender os interesses dos monopolistas e outros inimigos da Pátria. Não proceder assim é contrariar a linha do Partido.

Há também elevado número de militantes e simpatizantes do Partido que desertam, uns antes de assentar praça e outros antes da ida à inspecção.

Tal atitude contraria duplamente a orientação do Partido. Quando o Partido chegou à conclusão que o fascismo não podia ser arredado por

meios pacíficos, mas havia que derrubá-lo por meios violentos e estabeleceu como linha de orientação a Revolução Democrática e Nacional, não o fez a pensar na Revolução que os outros deviam fazer, mas na revolução em que o Partido, cada um dos seus membros, tem de ter um papel activo e dirigente, papel que terá de ser desempenhado na maioria dos casos de armas na mão.

Como conciliar a atitude destes camaradas com os objectivos da revolução se eles fogem inclusive a aprender o manejo das armas?

Pelo que se pode ver a criação duma forte organização partidária não pode também ser desligada duma compreensão correcta do problema das deserções.

como organizar os militares?

Como noutras frentes de luta o trabalho de organização entre os militares tem de ser conduzido em dois sentidos diferentes. Um refere-se à organização do Partido que é decisiva, o outro às organizações unitárias de que falaremos mais adiante.

Criar e manter organizações do Partido nas unidades militares não é tarefa fácil. É por isso mesmo que no Relatório sobre os Problemas de Organização aprovado no VI Congresso, uma vez mais se alerta para as regras que é preciso observar, dizendo-se a certa altura: «Porém, se recrutar para o Partido dentro dos quartéis ou barcos de guerra exige os maiores cuidados, realizar um trabalho organizado exige-o ainda mais. É preciso que as mesmas pessoas não sejam vistas sempre juntas e em especial se entre elas há alguma já conhecida por desafecta ao regime. É preciso não guardar a imprensa em sítios onde facilmente possa ser descoberta. É preciso guardar o mais absoluto sigilo sobre simpatias ou filiações políticas e respeitar a mais rigorosa comparticipação de trabalho de maneira a limitar o mais possível qualquer intervenção policial.»

Naturalmente que o secretismo, a comparticipação, o respeito absoluto pelas regras conspirativas, não pode significar inacção. As organizações do Partido compete actuar, manter permanente contacto com os soldados, marinheiros, sargentos e oficiais enganados pelo regime fascista ou discordantes com ele, com vista a impulsionar e dirigir as mais variadas acções e lutas, nos quartéis, barcos de guerra, etc., contra a guerra nas colónias e contra a camarilha fascista.

A agudização das contradições que minam o regime agrava-se com a existência e continuação

das guerras coloniais. O cansaço e desgaste que elas vão provocando fazem surgir novos opositores ao regime, novos combatentes contra a ditadura entre todas as camadas da população e também nas forças armadas. Criar organizações unitárias dos militares que se opõem ao regime é uma das mais importantes tarefas do Partido. Na actual situação, para cumprir esta tarefa como se impõe é indispensável ligar a criação destas organizações à mobilização dos militares em volta dos seus problemas concretos, orientando-os para o desencadeamento das mais variadas acções e lutas contra a guerra nas colónias, contra a violência das manobras e exercícios militares, contra as injustiças e vexames vindos de oficiais e comandos fascistas, contra a intromissão de oficiais estrangeiros no exército português e a instalação de bases estrangeiras em território nacional, contra a política de traição nacional do governo fascista, contra o terrorismo político e a repressão, contra a ausência de liberdades democráticas, etc. Todos estes problemas, que não são únicos, podem permitir o desencadeamento das mais diversas acções e lutas contra o fascismo, todos eles permitirão igualmente criar as mais diversas organizações militares se soubermos trabalhar afinadamente nesta direcção e com a ideia que para organizar é preciso lutar, para lutar é preciso organizar.

É pois da maior urgência que em cada organismo do Partido se discuta e tomem medidas para levar a cada unidade militar a organização do Partido, para se criarem organizações unitárias e se desencadearem as mais variadas lutas nas forças armadas. Sem se vencer esta etapa da luta revolucionária não se pode pensar em levar a bom termo a Revolução Democrática e Nacional.

O caminho para o derrubamento da ditadura

«Dada a ausência completa de liberdades e a política terrorista do governo fascista; dado que o Estado fascista é um Estado fortemente centralizado, com um aparelho militar, policial e judicial cuidadosamente organizado e depurado; dada a determinação dos círculos governantes de resistirem pela violência até ao fim; — o caminho que se oferece ao povo português para derrubar a ditadura

fascista e levar ao poder o Governo Provisório é o levantamento nacional, a insurreição popular armada, que, devido à natureza militarista do Estado, implica a participação e neutralização de importante parte das forças militares.»

(do Programa do Partido)



ESTUDAR E APLICAR A LINHA POLÍTICA DO VI CONGRESSO

Os materiais do VI Congresso têm uma grande importância. Mas alguns militantes interrogam-se: como estudar os materiais do VI Congresso? Como levá-los à prática? É aí que reside a nossa maior dificuldade.

Detenhamo-nos sobre a primeira pergunta, sobre o modo de estudar os materiais do VI Congresso.

Quaisquer dos documentos aprovados são documentos fundamentais que analisam com profundidade os problemas básicos da situação nacional e traçam uma linha de orientação.

Chegará uma simples leitura do informe político do C.C. apresentado pelo secretário-geral do nosso Partido, o camarada Álvaro Cunhal, para apreender todo o seu conteúdo?

Poderão igualmente os militantes do nosso Partido contentar-se com uma simples leitura do informe de organização, do Programa e dos Estatutos?

Uma simples leitura não chega e nem sequer uma leitura atenta e circunstanciada. Os materiais do VI Congresso precisam de ser estudados. Mas como fazer esse estudo? Decorando o que

lá está escrito? Não, não se trata de decorar o que lá está escrito, pois um tal estudo nada tem de vivo e actuate. É uma maneira escolar de estudar.

Trata-se em primeiro lugar de ler para compreender, para fixar as ideias fundamentais que estão expressas nos documentos, de interpretá-las com correcção para poder explicá-las às massas, para as transformar em formas simples de propaganda.

Mas não é simplesmente da propaganda das ideias que se trata. Trata-se de estudar essas ideias para as aplicar na prática, para as transformar em formas de luta, para orientar os trabalhadores na defesa dos seus interesses, para elevar as suas lutas a formas superiores, para unificar e alargar os combates económicos e políticos da classe operária, dos camponeses, intelectuais, empregados, pequena burguesia urbana, sectores das classes médias de modo a conduzir esses combates ao levantamento nacional, à liquidação do estado fascista, à instauração da democracia.

o estudo colectivo é fundamental

Para vencer as dificuldades que o estudo individual dos materiais do VI Congresso irão suscitar é fundamental organizar o estudo colectivo em todos os organismos do Partido, desde os secretariados de célula, aos comités locais, regionais e organismos de direcção.

Se o estudo dos documentos do VI Congresso ganha todo o Partido é fácil encontrar militantes que reúnem as condições necessárias para explicar aos camaradas mais modestos, para explicar à base do Partido as ideias fundamentais que constituem a linha política traçada no VI Congresso, para tornar acessíveis os documentos em questão.

Neste terreno os funcionários do Partido, os controladores entram como elementos decisivos. Em muito eles podem ajudar a assimilar e a aplicar os princípios básicos saídos do nosso último Congresso. Para isso torna-se necessário que eles próprios estudem esses documentos com profundidade para os tornarem acessíveis à base do Partido, aos camaradas mais modestos. É sempre possível, numa reunião, encontrar o mínimo de tempo para explicar os aspectos essenciais do Congresso, a linha política do Partido que directamente se prenda com os problemas práticos da actividade do organismo, com a situação política nacional, com as perspectivas revolucionárias, com os problemas de organização, com os pontos do Programa, com questões de unidade ou outros

assuntos de maior ou menor importância que a luta comporta.

Fomentemos o amor pelo estudo, o interesse pelos materiais do VI Congresso, e os camaradas colocarão, eles próprios, as suas dúvidas, sobre os problemas que não lograram compreender e que interessem à sua acção.

Mas outras formas de estudo são ainda possíveis de realizar, apesar das difíceis condições da nossa luta. Referimo-nos a reuniões especiais de organismos para estudo, esclarecimento e discussão dos problemas centrais do VI Congresso.

As reuniões de que falamos não são reuniões para leituras comentadas, mas reuniões destinadas a uma explicação geral dos problemas de maior interesse, os mais actuais, os mais vivos, sem perder contudo de vista a perspectiva política e as formas de luta em que tais problemas assentam, de modo a armar os camaradas para o estudo individual.

Através da imprensa do Partido, da Rádio, de folhetos, de edições especiais de capítulos dos informes pode e deve fazer-se uma ampla divulgação dos materiais do VI Congresso, de modo a torná-los acessíveis a todo o P., a ganhar para eles a adesão dos militantes de base, a torná-los conhecidos das largas massas e a levá-los à prática no trabalho diário das nossas organizações.

como aplicar na prática os materiais do VI Congresso?

Em cada local de trabalho as organizações do P., os militantes, os activistas têm tarefas concretas, que podem variar de local para local, de sector para sector, de região para região.

Suponhamos que se está no início da organização do P. numa empresa e que por esse facto se torna necessário alargá-lo. Como podem os materiais do VI Congresso vir em ajuda dos militantes?

O informe de organização coloca as tarefas essenciais para o desenvolvimento, estruturação e actividade dos organismos de base do Partido. Estudando-o, buscando aí resposta às suas preocupações, os militantes armar-se-ão para o seu labor de organização.

Mas não basta apenas saber organizar. É necessário transformar as células do P. todos os organismos do P. em organismos vivos, capazes de conduzir a classe operária à luta, de influenciar os trabalhadores, de ganhar crédito político junto deles.

Para essa importante tarefa também os materiais do VI Congresso são indispensáveis.

Lendo e estudando o informe político os militantes do P. são capazes de explicar aos seus companheiros de trabalho os aspectos fundamentais da política fascista e dos males que ela comporta para a classe operária, e para o povo português.

Lendo e estudando o Programa do Partido, os militantes ficam em melhores condições de expli-

cá-lo às massas, de ganhar o seu apoio e a sua confiança de elevar o nível político dos trabalhadores para que eles se disponham pela luta organizada a levar à prática os pontos essenciais do Programa, a zelar pela sua aplicação e se saibam orientar na luta revolucionária que conduz ao derubamento do fascismo e à instauração da Democracia.

Aqui também se verifica o valor dos materiais do VI Congresso e o modo prático de aplicá-los.

Na actividade diária do Partido como devemos utilizar os Estatutos?

Se eles constituem os princípios básicos do nosso Partido, a nossa acção terá que orientar-se pela letra dos Estatutos.

Assim os Estatutos dizem no capítulo sobre o **centralismo democrático**, artigo 14: «Dentro da esfera da sua acção, todas as organizações do P., devem ter a mais ampla iniciativa desde que as suas resoluções não contradigam a linha do Partido e resoluções dos seus órgãos superiores».

Um tal princípio nós o devemos aplicar na prática em qualquer escalão do Partido.

O mesmo podemos dizer dos outros artigos dos Estatutos. Estudando-o e aplicando os Estatutos um dos documentos básicos do VI Congresso, o Partido reforçará a sua unidade, ganhará nova consciência, novas forças para o cumprimento das suas tarefas de vanguarda, fortalecer-se-á e alargar-se-á cada vez mais.

SAIBAMOS ORGANIZAR, SABEREMOS VENCER

(do relatório político apresentado ao VI Congresso)

Se dizemos que nas condições da ditadura fascista o problema da defesa do Partido é o problema nº 1, pode também dizer-se que o problema de organização é o problema nº 2.

Há muitos critérios para aferir da força, influência e possibilidade revolucionárias dum partido clandestino como o nosso. Nenhum critério é mais exacto do que a consideração da sua força organizada. Só uma boa organização permite, não só simplificar consideravelmente o problema da defesa, como estabelecer uma estreita ligação com a classe operária e com as massas, conhecer os seus anseios e os seus sentimentos, esclarecê-las, dirigi-las na luta diária, encaminhá-las para as grandes batalhas contra o fascismo. Não há nenhum outro instrumento de acção que possa substituir uma boa organização.

Se não soubermos organizar, poderemos quan-

to muito com o «fogo sagrado», ir animando a luta do nosso povo, mas jamais estaremos em condições de dirigir uma revolução vitoriosa. Sabemos organizar que saberemos vencer.

Se há aspecto da actividade do Partido que tenha sido afectado por desvios duma orientação justa, é o trabalho de organização. Sofreu do «desvio de direita» nos anos de 1956-59. Sofreu depois das tendências esquerdistas que se manifestaram particularmente nos anos de 1963-64, das concepções voltadas para a «acção directa», concepções que representam, tal como o «desvio de direita», uma crença na espontaneidade da acção revolucionária e num processo semi-automático para a queda do fascismo.

Tais concepções, num período e noutro, levaram à subestimação do trabalho paciente e metódico de organização e à pretensão de desenvol-

ver a actividade política e de massas do Partido sem os instrumentos orgânicos apropriados. Facilitaram os golpes da repressão e o enfraquecimento orgânico geral.

O nosso Partido tem motivos para estar orgulhoso dos seus êxitos no domínio de organização durante dezenas de anos de trabalho clandestino. Só porque conseguiu criar uma forte organização, o Partido pode resistir às furiosas e constantes ofensivas policiais, desenvolver-se nas condições do fascismo, estreitar as suas ligações com a classe operária e as massas populares, dirigir diariamente as lutas populares e marchar indiscutivelmente na vanguarda de todo o movimento anti-fascista.

É porém extremamente perigoso que o entusiasmo pelos êxitos e a comparação com os outros sectores da Oposição nos façam esquecer os erros e deficiências, nos paralistem a iniciativa, o dinamismo, a tensão de esforços, para marchar decididamente para diante. A única justa medida da nossa satisfação ou insatisfação deve ser a relação entre a organização que temos e aquela que precisamos de ter para cumprir com êxito as tarefas políticas que se colocam ao Partido.

Para vencer as debilidades de organização tem de corrigir-se todo um estilo de trabalho que nos últimos anos se generalizou no Partido, estilo caracterizado pela rotina nos processos de organização e pelo frenesi na busca do êxito imediato. Trabalha-se para compor e recompor com rapidez, utilizando repetidamente os mesmos processos. Não se pensa nuns casos e não se admite outros, um trabalho em profundidade, cauteloso, consolidando cada nova posição conquistada. (...) Não se pensa no trabalho de organização com uma ampla perspectiva, mas com a ideia de recompor rapidamente um aparelho mínimo, com o qual se procura não só assegurar a realização das tarefas do dia a dia como retomar prematuramente a ofensiva. É essa uma das causas por que, com frequência, damos um passo em frente e dois à retaguarda.

Insistir-se na necessidade absoluta de desenvolver e melhorar o trabalho de organização, não significa que o trabalho de organização seja uma primeira etapa, sem percorrer a qual se não pode fazer agitação e propaganda, nem desenvolver lutas de massas, nem realizar qualquer outra tarefa. (...) As organizações do Partido não se criam, não se estruturam, não forjam quadros capazes, não se desenvolvem, senão na medida em que o trabalho de organização acompanha e é acompanhado, por um trabalho de agitação e propaganda e de mobilização das massas. A principal fonte de influência do Partido, do convencimento da justiça da acção do Partido, da subida da consciência de classe de muitos trabalhadores ao nível da cons-

ciência da sua vanguarda, do recrutamento, essa fonte principal é a luta popular de massas.

A questão não é pois a de pôr o trabalho de organização como «uma primeira etapa», durante a qual se não realiza qualquer outra actividade. A questão é de saber medir em cada caso as possibilidades reais de realizar as tarefas do Partido, de não lançar cada organização em tarefas muito superiores às suas forças, de não jogar deliberadamente organizações débeis, mal estruturadas, sem conveniente defesa, em batalhas ou série de batalhas em que é fácil antever que serão facilmente localizadas e atingidas, de não pretender ter permanentemente os membros do Partido num estado de tensão máxima, de esforço excessivo, em que se perde completamente de vista o alargamento e reforço orgânico, a estruturação, o recrutamento, a selecção de quadros.

Temos de criar uma organização extraordinariamente mais forte do que aquela que existe presentemente. Temos de enraizar e estruturar de tal forma a organização do Partido, que a continuidade do seu trabalho não fique à mercê de golpes policiais. Temos de criar uma organização à proporção das tarefas que se nos põem. E isto exige que se compreenda a importância decisiva da organização, que se renove o trabalho de organização (...).

Quais são na actualidade, as nossas tarefas fundamentais no domínio da organização?

A primeira é consolidar o aparelho clandestino central, o aparelho de funcionários, com mais quadros e mais apurada estruturação, de forma a assegurar em melhores condições a sua defesa e a continuidade de todo o trabalho do Partido.

A segunda é considerar, sempre ligados à preocupação de reforçar e alargar a organização, as tarefas atribuídas a cada sector partidário, tendo em conta que a situação é diversa de sector para sector e que as tarefas essenciais são por isso também diversas (...).

A terceira é impulsionar a criação de organismos intermédios de direcção (comités regionais, locais, secretariados de célula, etc.) e convertê-los em verdadeiros organismos dirigentes dos sectores respectivos, em verdadeiros estados maiores das frentes de batalha política que lhes estão confiadas.

A quarta é mobilizar esforços especiais (em quadros e meios de trabalho) para os sectores fundamentais: organização de Lisboa e Porto, organização operária nos maiores centros industriais, organização de proletários rurais nas regiões onde predomina a grande exploração agrícola, organização de estudantes e intelectuais, organização militar.

MILITÃO RIBEIRO, UM HERÓI COMUNISTA

Muito jovem ainda Militão Ribeiro tomou contacto com a exploração capitalista, conheceu o modo como se acumulam as grandes fortunas e como se gera a miséria e a fome nos lares operários.

Aos 12 anos, abandonou Murça, sua terra natal, na zona transmontana e emigrou para o Brasil. Neste país, tornou-se operário têxtil. As lutas dos trabalhadores brasileiros elevaram-lhe a consciência de explorado. Militão participou em greves, em acções reivindicativas, em manifestações de protesto. Filiou-se no Partido Comunista Brasileiro, em cuja criação participou ao lado de alguns dos seus melhores militantes.

Em 1934 a situação política agravou-se no Brasil. Getúlio Vargas subira ao poder. A reacção fortaleceu-se. As autoridades brasileiras expulsaram Militão Ribeiro, o activo militante comunista que se encontrava à cabeça da luta da classe operária. Metido a bordo de um navio, Militão devia ser entregue à polícia salazarista. Salva-o a sua tenacidade revolucionária. Convenceu um tripulante da justeza da sua causa e este ajudou-o a evadir-se logo que o barco atracou à muralha.

Regressou a Murça onde se encontrava a sua família. Mas o homem que regressava do Brasil não trazia nem dinheiro nem haveres. Possuía apenas a força das suas convicções de comunista e essas espalhou-as entre os trabalhadores e juventude, entre a gente modesta do povo.

regresso à luta

A 16 de Junho de 1940 Militão Ribeiro então um preso político do Campo da Morte Lenta do Tarrafal, foi devolvido à liberdade. As tropas de Hitler dominaram a Europa. Salazar julgava consolidado o seu poder.

Foram igualmente libertados do campo do Tarrafal perto de 40 presos políticos ilegalmente detidos. Entre eles figuravam Sérgio Vilarigues, Américo de Sousa e Pedro Soares.

Numa Europa ocupada e ensanguentada. Num Portugal oprimido pelo domínio fascista, seguro dos êxitos dos seus comparsas, a situação chamava os comunistas a uma luta difícil e corajosa, para reorganizar o Partido e conduzir a classe operária e o povo, a grandes e novos combates.

Com Álvaro Cunhal, Militão Ribeiro, José Gregório, Sérgio Vilarigues, Joaquim Pires Jorge, Dias Lourenço, Pedro Soares, Américo de Sousa, Manuel Guedes e outros camaradas, o Partido reorganiza-se, expulsa do seu seio elementos oportunistas e aventureiros, fortalece a sua organização, desenvolve a sua influência conduz os primeiros combates reivindicativos dos trabalhadores, da juventude e dos camponeses. Estava-se

Tomou contacto com o Partido Comunista Português, a cujas fileiras aderiu. Era essa a sua grande aspiração depois que o forçaram a abandonar o Brasil.

Lutou, trabalhou, esclareceu, organizou. Os camponeses da sua região viam naquele operário têxtil, de mãos calejadas da labuta da terra a que se entregava após o seu regresso o símbolo das suas aspirações e a da sua vida atribulada e de miséria.

Por fim a polícia prendeu-o. A sua acção em toda a vasta área de Trás-os-Montes, amedrontara proprietários e autoridades fascistas. Conduziram-no ao Porto. Depois enviaram-no para a Fortaleza de Peniche. Meses volvidos, sem julgamento, sem condenação, era mandado, com mais algumas dezenas de combatentes, para a Fortaleza de S. João Baptista. Por fim foi o embarque para o Tarrafal.

Nos longos dias de cárcere Militão não soube apenas encontrar as formas de convívio fraterno com os seus companheiros de prisão. Soube ajudá-los a ver mais claro na noite fascista, a resistir com mais coragem à repressão, a compreender melhor o duro caminho que a classe operária tem de seguir para pôr fim à exploração capitalista.

O operário consciente, o comunista esclarecido alimentou com a certeza das suas ideias, muitos companheiros de cárcere, que o amaram por esse facto.

em 1941. Um ano depois, em Outubro-Novembro, estalam as primeiras grandes greves da classe operária sob a direcção do Partido.

Militão Ribeiro participou activamente na reorganização do Partido, dedicando-se a esta tarefa com exemplar devotamento e capacidade política. Mal vestido, mal alimentado, fazendo sacrifícios de toda a ordem, Militão percorreu o país para retomar contacto com organizações desligadas, para criar outras, para fortalecer com a sua capacidade política, o seu entusiasmo e o seu dinamismo, o Partido da classe operária a que ele dedicara inteiramente a sua vida.

Em plena luta reivindicativa, quando milhares de trabalhadores de Lisboa faziam greve e reclamavam aumento de salário, ocupando fábricas e resistindo à brutalidade fascista com a coragem das grandes lutas, Militão Ribeiro foi de novo preso.

O Partido que ele ajudara a reorganizar resistia a este golpe e a outros e alargava a sua influência e organização. Pouco tempo depois conduzia os trabalhadores a novas lutas e a greves de maior amplitude ainda.

Em 1943 Militão foi enviado para o Campo de Concentração do Tarrafal, donde havia regressado três anos antes.

Mas as lutas da classe operária não cessaram. Estalaram novas e importantes greves que deram a prova do poder combativo dos trabalhadores e do seu papel fundamental no Movimento de Unidade Nacional Anti-fascista, que se criava em 1943 e atraía a si as forças democráticas de várias tendências.

Além fronteiras, o glorioso exército soviético, infligia às tropas de Hitler derrotas irremediáveis, cercava e prendia as 22 divisões de Von Paulos, forçava aos grandes recuos que haviam de culminar na conquista de Berlim, e que seriam acompanhados da luta das forças patrióticas dos países ocupados e no desembarque das tropas aliadas na Europa.

As grandes lutas populares e a derrota nazista ensombreceram o domínio fascista em Portugal, enfraqueceram-no e Salazar decretou uma amnistia que permitiu a libertação de muitos patriotas condenados ou ilegalmente detidos.

Militão voltou de novo à liberdade. Voltou de

novo à luta, à dura luta clandestina, apesar da sua abalada saúde e de longos anos de cárcere.

Eleito membro do Secretariado do Comité Central, com Álvaro Cunhal, Sérgio Vilarigues e José Gregório, Militão Ribeiro redobrou de esforços, de energia para alargar cada vez mais a crescente influência do Partido e da sua organização. A idade e o estado de saúde não lhe diminuíam nem a combatividade, nem o dinamismo, nem a sua abnegação sem limites. O estudo atento, a experiência, os anos de luta em Portugal, sob a dominação fascista, constituem novos recursos para a sua capacidade política, que o tornaram mais apto no seu trabalho de dirigente comunista.

O Partido que ele ajudara a reorganizar, fortaleceu-se e alargou-se. Criou quadros jovens e capazes, dirigiu novas lutas. Foi a força de vanguarda da Unidade Anti-fascista, da luta legal e clandestina pela conquista da liberdade, pelo derrubamento do fascismo. O início do ano de 1949 conheceu grandes acções populares e o reforço da Unidade em volta da campanha «eleitoral» para a presidência da República.

a prisão e o assassinato

Mas a 25 de Março de 1949 Militão é de novo preso, desta vez na vila do Luso na companhia de **Álvaro Cunhal** e de **Sofia Ferreira**.

Os três são conduzidos para as prisões da PIDE no Porto. Contra **Álvaro Cunhal** e **Militão Ribeiro** se atia o ódio do bando de assassinos da PIDE. Nos antros da Rua do Heroísmo, começaram para ambos as torturas e os métodos de aniquilamento físico. A Militão recusaram-lhe assistência médica e dieta, para uma enfermidade de fígado e de intestinos contraída no Tarrafal. Mas é curta a Duração no Porto. Álvaro Cunhal e Militão Ribeiro são transferidos para a Penitenciária de Lisboa, encerrados em pequenas celas mantidos no isolamento mais completo, sem o mínimo de condições vitais.

Continuam aqui, com rigor de carrascos, os métodos de tortura e de assassinato. Sucedem-se os interrogatórios e os processos brutais. A incomunicabilidade mais rigorosa mantém-se durante meses. Nem um jornal, nem um lápis, nem um bocadinho de papel, nem uma toalha, um vislumbre de higiene que alivie o desconforto de longos meses numa cela desguarnecida. Os métodos mais sinistros, além da tortura física, são aplicados para tornar a Penitenciária de Lisboa um verdadeiro suplício para os dois dirigentes do Partido. Visava-se o seu aniquilamento gradual e sistemático e com ele a sua liquidação política. A PIDE empenhava-se nesta tarefa monstruosa, como verdadeiro instrumento do crime do fascismo salazarista. Durante meses Cunhal e Militão resistiram aos suplícios e aos métodos de morte lenta com a abnegação dos melhores combatentes, com uma

exemplar firmeza e coragem, com uma elevada noção das suas responsabilidades políticas.

Mas as torturas, a recusa ao tratamento médico, a falta das mais elementares condições de vida na pequena cela da Penitenciária de Lisboa haviam — abalado profundamente a saúde de Militão Ribeiro. O acto criminoso que os esbirros da PIDE deviam consumir possuía as condições necessárias para ser posto em prática. O peso de Militão baixava para 37 quilos. A razão toldava-se-lhe por momentos. Mas nem assim diminuía a sua posição de firmeza e de confiança. Estendido no leito, a sua voz ecoava ao longo dos corredores, fazendo ouvir o mesmo brado de certeza:

Avante! Camaradas! Avante!

Que a hora nos pertence.

Deste antro de suplícios e de torturas que foi a sua cela da Penitenciária de Lisboa, Militão escrevia com o próprio sangue pouco antes de morrer uma carta magnífica, que exprime toda a grandeza da sua dedicação ao Partido e da sua vida exemplar.

A 3 de Janeiro de 1950, Militão Ribeiro, figura grandiosa de militante comunista, esculpido no granito da sua região transmontana morria às mãos dos algozes da PIDE com a grandeza de um herói proletário, na sua cela da Penitenciária de Lisboa.

A lembrança do seu exemplo guardam-na zelosamente os combatentes de uma vida melhor, os obreiros da Democracia e do Socialismo, os trabalhadores de vanguarda, os membros do Partido Comunista que sabem que têm de seguir um áspero e difícil caminho, de luta que conduzirá ao derrubamento do regime terrorista dos monopólios, o fascismo salazarista, que conduzirá ao triunfo das ideias pelas quais Militão Ribeiro sacrificou a sua vida de lutador, pelas quais muitos outros continuam o combate, com igual coragem e tenacidade, inspirando-se no seu heroísmo.